

lheiro, no Sabugal; foros de prédios no Souto; uma tapada na Rumeira; terras do Rodeio em Rendo e terras nas Quintas de S. Bartolomeu.

O pé do altar consistia no seguinte:

Casamentos 500 réis; baptizados 500 réis; enterramentos 240 réis; acompanhamentos 1\$700 réis; bens de alma desde 2\$500 a 33\$000 réis, conforme as fortunas; responsos 20 réis; ofertório 2\$700 réis; certidões e atestados 240 réis.

O pároco era apresentado antigamente pelo Bispo da Guarda, assim como o da extinta abadia de Santa Maria do Castelo, os quais, bem como os párocos de Rendo, Quadrazais, faziam parte do cabido de Pinhel, cujo bispado foi extinto há muitos anos, sendo o último vi-gário geral o actual Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo.

Outrora o Sabugal era sede do arciprestado, taxado em dez libras.

Unida à igreja de S. João havia uma capelania perpétua taxada em 23\$220 réis.

Extramuros há na vila um bairro moderno denominado de S. Sebastião, edificado quási todo depois da construção da estrada que liga o Sabugal a Rendo e Vila Boa. Neste bairro existia já a ermida de S. Domingos de que já falámos, e a de S. Sebastião, que dá o nome ao bairro.

Tinha na fonte um bom alpendre, de que apenas restavam as fortes colunas de granito quando saímos do Sabugal. A ermida está num plano superior à estrada, havendo ali um muro de suporte e duas escadarias que dão acesso ao Largo de S. Sebastião. A ermida, apesar de muito arruinada, ainda estava aberta ao culto. Há pouco tempo, celebrando-se ali uma festa no dia do patrono, ouviu-se então na véspera o pequeno sino, especialmente durante a procissão.

(Continua).

JOAQUIM MANUEL CORREIA.

### Colecção Arqueológica

Anuindo aos louváveis desejos do meu erudito mestre e dedicado amigo D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos, resolvi-me a escrever êste modesto e desprezioso artigo a fim de ser publicado n-*O Archeologo Português*.

Desde criança, há proximo de 30 anos, que me tenho esforçado por convencer em artigos de revistas e jornais a Câmara Municipal do concelho de Moncorvo a fundar um museu regional, onde recolhessemos as nossas muitas e venerandas preciosidades arqueológicas.

Baldados esforços! A maldita política comprometera por completo as minhas mais justas aspirações!

Durante muitos anos enviei para diferentes museus — Bragança, Guimarães, Pôrto e, principalmente, para o Museu Etnológico (por intermédio do meu bom amigo D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos) — muitos e valiosos objectos.

Mas — devo confessá-lo com infinita mágoa — cada remessa enviada fazia-me exclamar: Vou salvar da destruição estes objectos, mas ai! eles deviam formar ou opulentar um museu em Moncorvo!

Há anos, porém, resolvi fundar pessoalmente em minha casa uma modesta colecção arqueológica. Resultado? Devido a muitos e sinceros amigos, ela tem aumentado progressivamente.

Agora, obedecendo às ordens do Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos, vou fazer uma rápida descrição dos principais objectos collegidos até ao presente; ainda são poucos, é verdade, mas ainda espero formar uma colecção muito preciosa, apesar de eu viver numa aldeia trasmontana e, portanto, mais ou menos isolado dos grandes centros intellectuais.

Para melhor compreensão dividirei este artigo em duas secções: arqueológica, pròpriamente dita, e numismática.

## I

Comecemos, pois, a descrever em traços rápidos a primeira:

## A.—Lápides funerárias

1. Uma lápide de granito, de 0<sup>m</sup>,5 × 0<sup>m</sup>,28, com a seguinte inscrição:

SABINAE  
AN. XXXV.

Foi encontrada próximo da caseta do Loureiro, termo de Carviçais, num prédio de António Pinto. No alto figura tôscamente um rosto humano.

2. Uma lápide de granito, de 0<sup>m</sup>,3 × 25, com a legenda seguinte:

RVFVS MOSI<sup>1</sup>  
AN. LXXV. S  
T. T. L.

<sup>1</sup> Não ha dúvida na leitura MOSI.

Apareceu no S. Cristóvão, onde existiu uma povoação romana; no Museu Etnológico existe uma árula votiva a Júpiter, por mim oferecida, por intermédio do seu erudito fundador e director.

#### B.—Outras lápides

1. Uma pedra de granito, de  $0^m,22 \times 0^m,2$ , que representa rudemente uma carranca, encontrada no S. Cristóvão, sítio já mencionado no artigo *Cariçais, nas «Terras de entre Douro e Sabor»*.

4. Um capitel romano e um florão, tudo de granito, proveniente da Valdoeiro, a antiga «Civitas Baniensium», já descrita na *Illustração Trasmontana* pelo ilustrado engenheiro D.<sup>or</sup> Afonso Cabral e visitada por meu intermédio pelos grandes arqueólogos D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos, D.<sup>or</sup> Manuel Monteiro e o falecido e saudável Rocha Peixoto, então director do Museu Municipal do Porto.

#### C.—Machados de pedra e de cobre

Tenho na minha colecção 75 machados da época neolítica, provenientes dos concelhos de Moncorvo, Carrazeda de Ancieles, Mogadouro, Fozcoa, Freixo de Espada-à-Cinta, Vila Pouca de Aguiar e Bragança.

São de diferentes espécies minerais, e de vários tamanhós, desde  $0^m,22$  até  $0^m,02$ . Alguns são perfeitíssimos, sobretudo duas belas e primorosas machadinhas.

Além destes, possuo um machado de cobre, proveniente do Minho. Já tive mais dois, encontrados na Lousa e no Souto; mas estes existem agora no Museu Etnológico.

#### D.—Cossouros

Existem 3 na minha colecção, sendo um de barro, encontrado em Cabeça Boa, deste concelho, e 2 de pedra, muito ornamentados, provenientes de Sacoias e Baçal, concelho de Bragança.

#### E.—Fíbulas

Possuo 5 completas e 2 incompletas, provenientes de várias localidades; algumas ainda conservam o fuzilhão e estão muito bem conservadas e patinadas.

#### F.—Molas manuárias

Tenho grande abundância delas, algumas inteiras e outras partidas, provenientes de Cariçais, Vila Maior, Valdoeiro, Cabeça Boa, etc.

As mais perfeitas são as de S. Cristóvão e as mais rudes as do Castelo de Cidadonha, termo de Carviçais.

#### G.—Grais

Na minha colecção podem ver-se muitos, provenientes de Cabeça Boa, Carviçais, Lagoaça e Mós. Alguns são muito bonitos e de granito.

#### H.—Azulejos

Tenho 8 quadros, sendo 5 do convento de Vila do Conde, 2 do convento de Tibães, concelho de Braga, e 1 da Sé Velha, de Coimbra.

#### I.—Vária

Além destes objectos, possuo um tinteiro de jaspe, apparecido no castro luso-romano de Castelo Branco, Mogadouro; um crucifixo de bronze dourado dos séculos IX ao XII (representa Jesus com coroa de rei na cabeça, os olhos abertos, e pregado com 4 cravos); uma cruz florenzada de bronze; várias medalhas sacras e profanas; alguns *Agnus-Dei* e reliquias; uma colecção de armas antigas, outra de objectos gentílicos da nossa África, outra de pratos de barro e estanho, muito antigos; alguns véus de cálix com tezes, etc., etc.

## II

Mas devo pôr ponto na secção arqueológica para passar a descrever a secção numismática.

Anuindo ao pedido do Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos, vou tentar descrever a minha insignificante colecção de numismática.

Occorre-me exclamar: *Hoc opus hic labor est!* Eu me explico: As minhas moedas ainda não estão convenientemente estudadas e classificadas! Daí a minha confusão, a minha natural relutância; mas, ainda assim, esforçar-me hei por lhe ser agradável.

Para melhor compreensão, vou dispô-las em 3 secções: romanas, estrangeiras e portuguesas.

#### A.—Moedas romanas

OURO.—Possuo uma de ouro do Imperador Honório, com a seguinte legenda: Anverso: HONORIVS P. F. AVG. Reverso: VICTORIA XVCCO.

PRATA.—Possuo 37 moedas, sendo: 3 de Augusto, 1 de Vespasiano, 1 de Galieno, 1 de Vitélio, 2 de Constantino, 1 de Faustino, 2 de César, 2 de Cláudio, 2 de Flamínio, 1 de Fábio, 1 de Víbio, 1 de Catão, 2 de Rébio; as outras ainda não consegui decifrá-las.

Algumas estão muito bem conservadas, podendo, por isso, serem convenientemente estudadas; outras, porém, difficilmente se poderá consegui-lo.

**BRONZE.**—Tenho 60 em bom estado de conservação, sendo: 5 de Trajano, 3 de Faustina, 8 de Constantino, 1 de Cláudio, 3 de Augusto, 3 de Valeriano, 1 de Gordiano, 1 de Alexandre, 2 de Galieno, 1 de Maximino, 1 de Constante, 1 de Severo, 1 do Município de Cascanto, etc.

Ainda tenho mais cêrca de um cento delas, mas muito estragadas e, por isso mesmo, indecifráveis.

A moeda de Cláudio tem a seguinte legenda: Anverso: Busto. ΑΥΤΚ Κ ΚΑΑΥΔΙΟϞ CEB. Reverso: Águia, à direita, com uma coroa no bico e uma palma nas asas. L. Γ.

As moedas de Galieno têm a legenda seguinte: Anverso. Busto. ΑΥΚ ΑΙΚ ΓΑΛΛΙΗΝΟϞ CEB. ΛΙΓ. Reverso: Águia em pé, à direita, com uma coroa no bico e uma palma sôbre as asas.

Segundo presumo, são as melhores da minha colecção, já pelo seu estado de conservação e já por estarem escritas em grego, e parece-me que batidas em Alexandria.

#### B.—Moedas estrangeiras

**ÁRABES.**—Tenho 5: 1 de ouro e 4 de cobre, todas bem conservadas, mas a de ouro parece-me muito moderna e o metal muito ordinário.

#### C.—Moedas portuguezas

Possuo centenas delas de ouro, prata e cobre, algumas das primeiras dinastias, algumas muito bem conservadas e bastantes raras.

#### D.—Várias moedas

Tenho uma grande colecção de moedas em prata e cobre dos estados da Índia, chinezas, turcas, russas, francesas, belgas, inglesas, alemãs, espanholas, etc.

#### Anel antigo

Existe na minha colecção um anel de ouro com uma roseta ou suástica. Será romano? Não sei, mas sou levado a crer que sim.

\*

Desta maneira julgo ter cumprido com os desejos do sábio director do Museu Etnológico, que há muitos anos me acostumei a considerar como meu desinteressado mestre e meu dedicado amigo.

Sinto, realmente, não ter podido ser mais extenso sobre este assunto; mas a grande falta de tempo por um lado e a minha reconhecida incompetência por outro assim o determinaram.

Que ele me desculpe, assim como os assíduos leitores do *Archeologo Português*.

Carviçais, 16 de Dezembro de 1922.

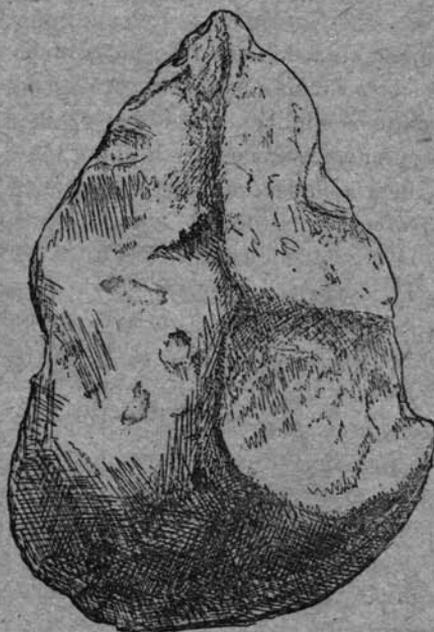
ABADE JOSÉ AUGUSTO TAVARES.

### Instrumento paleolítico de Leiria

Quando estive no Museu de Castelo-Branco em 1916 (cf. *O Arch. Port.*, XXII, 297), vi lá um instrumento de pedra, de tipo chelense, que, por não abundarem entre nós estações arqueológicas da época paleolítica, importa tornar mais conhecido do que é.



(Perfil)



(Frente)

O instrumento apareceu em aluviões dos arredores de Leiria, onde Tavares de Proença Junior o achou, e d'onde o levou para aquele seu querido Museu, que ele fundara e constantemente enriquecia. Foi feito de um pedaço de quartzite, roçado das agoas, o qual um artifice